

A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM “NEGÓCIO DE MENINO COM MENINA” DE IVAN ÂNGELO

THE CONSTRUCTION OF MEANINGS FOR “BUSINESS OF BOY WITH GIRL” FROM IVAN ÂNGELO

Flávia Aparecida Soares (UNIFRAN) ¹
Maria Flávia Figueiredo (UNIFRAN) ²

RESUMO: Ao analisarmos o conto “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo à luz da Linguística Textual, pretendemos demonstrar como ele pode ser estudado a partir de uma situação comunicativa em sentido estrito, podendo ainda ser entendido em seu contexto comunicativo em sentido ampliado. Ao longo das análises, pudemos constatar que o leitor pode fazer uma associação de “passarinho”, no texto, por “objeto sexual” masculino, e isso só é possível porque usamos nossas habilidades intelectivas e nossa “bagagem” cultural a fim de estabelecer uma ligação entre as relações textuais explícitas e implícitas.

Palavras-chave: Explícito; Implícito; Linguística Textual; Conto “Negócio de menino com menina”.

ABSTRACT: By analyzing the story “Business of boy with girl”, by Ivan Ângelo the light of Textual Linguistics, intended to demonstrate how it can be studied from a communicative situation in the strict sense, can still be seen in its communicative context in broad sense. Throughout the analysis, we found that the reader can make an association of “bird” in the text as “sex object” male, and this is only possible because we use our skills our intellectual and “baggage” culture in order to establish a connection between the explicit and implicit textual relations.

Key words: Explicit; implicit; Textual Linguistics; story “Business of boy with girl”.

1. Introdução

O conto “Negócio de menino com menina”, de Ivan Ângelo, foi estudado por ZAGNOLE (2008), à luz da semiótica a fim de verificar-se o sentido dos níveis de percurso gerativo proposto pela semiótica francesa. Por considerarmos que ele mereça uma atenção especial da Linguística do Texto, principalmente no que tange à sua organização textual e às possibilidades de construção dos sentidos é que decidimos analisá-lo. Consideramos que o sentido de um texto não é apenas construído de informações explícitas, mas também por dados que se apresentam de maneira implícita e que podem ser recuperados através de algumas marcas linguísticas.

Nossas análises terão como base, especialmente, as abordagens teóricas de Bentes (2004), Fávero (2006), Fávero e Koch (1983), Koch (2005 e 2009), Koch e Travaglia (1990), Marcuschi (1983), entre outros pesquisadores da Linguística Textual.

Para Koch e Travaglia (1990) a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto. De forma que, um texto pode ser entendido tanto em seu sentido estrito, considerando-se apenas o (contexto imediato de interação), ou pode ser entendido levando-se em consideração o contexto sócio-político e cultural em foi/está inserido, ou seja, um (sentido mais amplo).

Com respaldo nos autores, percebe-se também que o conhecimento de uma situação comunicativa mais ampla possibilita a focalização, que pode ser entendida como as abordagens ou os pontos de vistas

¹ Pós graduanda do curso de mestrado em Linguística da UNIFRAN, participante do grupo de pesquisas do texto e discurso da Universidade de Franca (GTEDI) e do Projeto Observatório da Educação/CAPES 2011. End. para correspondência: Rua Tabelião Joaquim Jerônimo, 298, Centro, Nova Serrana - MG, CEP: 35519-000 telefone: (037) 9112-3714; e.mail: flaaresns@yahoo.com.br.

² Professora orientadora do curso de mestrado em Linguística da UNIFRAN. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP, membro do corpo docente da UNIFRAN e do GTEDI; participante do projeto Observatório da educação/CAPES 2011. End: Avenida Dr. Armando Salles de Oliveira, nº 201, Pq. Universitário, Franca – SP; CEP: 14404-600 telefone: (016) 3711-8829; e.mail: mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br.

através do qual as entidades evocadas no texto passam a ser encaradas, afetando assim, não apenas o que o produtor do texto quer informar, mas também o que o ouvinte/leitor compreende. Segundo Bentes (2004):

O conhecimento de uma situação comunicativa mais ampla contribui para a focalização que pode ser entendida como a (s) perspectiva (s) ou ponto (s) de vista pelo (s) qual(is) as entidades evocadas no texto passam a ser vistas, perspectivas estas que, com certeza, afetam não só aquilo que o produtor diz, mas também o que o leitor ou destinatário interpreta”. (Bentes, 2004, p.262).

2. Um breve histórico sobre a Linguística Textual

Em consonância com as pesquisas realizadas por Fávero e Koch (1983), a Linguística Textual, que começou a desenvolver-se na Europa, em 1960, toma o texto como objeto de investigação, considerando-o a forma específica de manifestação da linguagem. Nota-se que, nesse momento, esse ramo da linguística passa a se ocupar especificamente com a natureza do texto e com os fatores que colaboram com a sua produção e recepção; e não mais somente com a palavra isolada ou com as frases.

Porém, houve um percurso de mais de trinta anos, desde que a palavra texto foi utilizada pela primeira vez por Harald Weinrich, autor alemão que define que toda a linguística é necessariamente “Linguística do Texto” e sem dúvida, o surgimento dos estudos sobre o texto faz parte de um enorme esforço teórico, com abordagens diferenciadas, de constituição de outra vertente (em oposição à vertente construída pela Linguística Estrutural); que via a língua como sistema e código e sendo puramente informativa.

No início dos anos 90, a partir das pesquisas realizadas por Van Dijk e Kintsch (1994), se delineou a perspectiva cognitiva do texto, cuja preocupação era explicar os aspectos estruturais e processuais da cognição humana. Verificando-se que o contexto pragmático não era o suficiente para explicar a produção de sentido do texto, essa tendência que tem como precursores no Brasil, Koch e Marcuschi (1998,1999), traça análises sobre o conhecimento usado na elaboração do processamento textual, mais especificamente sobre as estratégias e processamentos cognitivos.

De acordo com Koch (2009), as estratégias cognitivas dizem respeito às estratégias de usos do conhecimento. Esse uso, em determinada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimentos construídos a partir do texto e do contexto, e também das atitudes, crenças e valores, o que possibilita, no momento da compreensão do texto, reconstruir não apenas o sentido desejado pelo produtor; mas também outros/novos sentidos.

Koch (2005) esclarece que o sentido de um texto não depende somente de sua estrutura textual e das informações nele explicitadas, há informações que se apresentam de forma lacunar e implícita e que devem ser recuperadas por meio de inferências textuais.

2.1 Concepções de texto e o sentido dos textos

Texto não é um termo que admite um único significado, vários são os autores que procuram defini-lo e como observa Fávero e Koch (1983) pode ser tomado em duas acepções.

O texto em sentido amplo designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano (uma música, um filme, uma escultura, um poema, etc...), e, em se tratando de linguagem verbal, temos o discurso, atividade comunicativa de um sujeito, numa situação de comunicação dada, englobando o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor ou pelo (locutor e interlocutor, no caso de diálogos) e o evento de sua enunciação. (Fávero e Koch, 1983, p.25).

Segundo as autoras, o discurso é manifestado linguisticamente por meio de textos em sentido estrito, já o texto deve ser entendido como qualquer manifestação falada ou escrita que possua um todo de significado independente de sua extensão. O texto é, pois, uma extensão comunicativa, caracterizado por vários princípios que fazem com que seus sentidos sejam apreendidos, (os princípios de interpretabilidade).

Para efeito de nossas análises, consideramos neste artigo, o texto como sendo uma unidade comunicativa tanto oral quanto verbal em que seja um todo de comunicação e um todo de significado, e para discursarmos melhor sobre os pressupostos textuais e sobre os aspectos que colaboram para a formação de bons textos tomaremos como relevante este outro conceito de texto elaborado por Koch (2009).

O texto é uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos de ordem cognitiva, como também a interação de acordo com as práticas socioculturais. (Koch, 2009, p. 27)

O sentido de um texto não é constituído apenas por sua estrutura textual e de informações que estão nele explícitas, mas também de dados que se apresentam de maneira implícita, e que podem ser recuperados caso o leitor reconheça a situação comunicativa em sentido amplo.

Essa perspectiva teórica, além de nos possibilitar um estudo para o que está além dos limites do texto, procura também explicar a realização dos sistemas linguísticos em contextos da vida real, nas quais tanto o produtor quanto o receptor são importantes para a construção/elaboração dos sentidos.

Bentes (2004) considera que a Linguística Textual mesmo que provisória é a elaboração, o funcionamento e a recepção dos textos escritos e orais.

Marcuschi (1983) também propõe que o texto seja o objeto de estudos da linguística, para o autor o texto é uma instância comunicativa oral ou escrita e não como apenas uma sequência aleatória de frases.

O texto deve ser visto como uma seqüência de atos de linguagem (escritos ou falados) e não uma seqüência de frases de algum modo coesas. Com isto, entram, na análise geral do texto, tanto as condições gerais dos indivíduos como os contextos institucionais de produção e recepção, uma vez que estes são responsáveis pelos processos de formação de sentidos comprometidos com os processos sociais e configurações ideológicas. (Marcuschi, 1983, p.22).

2.2 Os efeitos de sentido do texto

A coerência e a coesão constituem dois princípios importantes de textualidade. Alguns autores fazem distinção entre os dois termos, outros não, e há também aqueles que consideram apenas um desses fenômenos ou analisam vários aspectos relacionados a eles sem seguir nenhum critério.

A coerência “diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores uma configuração veiculadora de sentido” Koch (1997, apud BENTES, 2004, p.256). Já a coesão, pode ser considerada como “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados, por meio de recursos também lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentido” Koch (1997, apud BENTES, 2004, p.256).

De acordo com a autora, a coerência manifestada em sentido (macro) é o que faz com que um texto seja aceitável, lógico e nos faça sentido. Quando somos capazes de entender um texto oral ou escrito é porque fomos capazes de atribuir coerência a esse texto. Assim, a coerência relaciona-se às ideias, informações e conhecimentos. De maneira que, ouvir ou ler um texto e lhe atribuir sentidos significa processar os diversos significados que ele possa ter.

Já a coesão, se refere ao modo como os elementos linguísticos estão interligados no texto, manifestada em nível microestrutural, ela se relaciona aos modos como os componentes do universo textual estão ligados numa sequência de frases. Consideramos, pois, tais conceitos como sendo de suma importância, visto que a coerência e a coesão textuais são termos que apresentam divergências no que tange à sua definição.

Para Charolles (1989) “não há textos incoerentes em si, porque não há regras de boa formação de textos, (como se tem para as frases); tudo depende dos usuários (do produtor e principalmente do receptor) do texto e da situação” Charolles (1989 apud BENTES, 2004, p. 257).

Em consonância com o autor podemos afirmar que não existe então o chamado “não texto”, ou seja, não existe um texto incoerente, mas sim um leitor incoerente para com as ideias do produtor do texto.

Fávero (2006) considera impossível saber o que é que o produtor do texto quer dizer.

Um texto prevê determinados sentidos, excluindo outros, determinadas leituras, excluindo outras, porém não transmite uma única leitura. Deste modo, a análise levantará marcas que levarão às intenções do texto, mas com certeza não haverá uma única leitura. (Fávero, 2006, p.41).

Com respaldo em Koch e Travaglia (1990), percebemos que “a textualidade ou textura” é aquilo que faz de uma sequência linguística um texto e não um amontoado aleatório de palavras. A sequência é percebida como um texto, quando aquele que a recebe é capaz de percebê-la como uma unidade significativa global.

Para efeitos de análise do nosso “CORPUS”, tomaremos como um texto coerente aquele que possui um encadeamento de ideias, mantém uma sequência lógica e faz sentido para aqueles que estão inseridos em seu “universo cognitivo”, de modo que, a coerência deve estar presente no texto, mas o leitor só estará pronto para entendê-lo e perceber os elementos coesivos, caso “coopere” ao fazer a leitura e interpretação textual.

Esclarecemos, pois, que a atribuição da qualidade de coerência ou incoerência de um texto não é unânime, um mesmo texto pode fazer sentido para um determinado leitor e pode ser tomado como incoerente por outro.

3. A construção dos sentidos em “Negócio de menino com menina”

Por reconhecermos a complexidade dos processos de produção e compreensão dos textos nas diferentes situações comunicativas é que buscamos analisar o conto Negócio de menino com menina. Tendo salientado que a situação comunicativa interfere na produção/recepção de um texto e que o texto, conforme relata Koch (2009) pode ser analisado tanto em sentido estrito quanto em um sentido mais amplo, primeiramente mostraremos a análise de um fragmento do conto considerando somente o contexto imediato de interação, reconhecendo assim algumas marcas que estão nele explícitas.

Na primeira parte do texto, notamos a presença de duas crianças, uma menina de uns nove anos que andava de carro com o pai, e um menino de aproximadamente uns dez anos que caminhava descalço pela fazenda sob um sol muito forte, segurando uma gaiola com um passarinho.

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou ao lado da janela da menina. O homem:

— Esse passarinho é para vender?

— Não senhor.

O pai olhou pra filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

Ao analisarmos esse fragmento do texto, observamos de acordo com nossos conhecimentos prévios que, a menina e o pai são de uma classe social diferente daquela a que o menino pertence. Podemos inferir também que o pai tem outra profissão (ele não é um fazendeiro), mas sim o (novo dono) da fazenda, e que; a filha está acostumada a ganhar “mimos” do pai.

O desejo de consumir o passarinho se manifestará durante todo o conto e será o “fio condutor” para a construção dos sentidos no decorrer do texto.

O pai buscando satisfazer o desejo da filha, primeiramente para o carro, chama o menino e tenta através de uma longa conversa convencer-lhe a vender a pequena ave.

O menino se nega a vender, mas a menina inconformada insiste para que o pai convença aquele moleque a fazê-lo.

A garota não entende que para haver o “negócio” (compra e venda), faz-se necessário não somente a existência de um comprador, mas também a de um vendedor, e sabendo que o pai é um bom “negociador”, procura seduzi-lo, de modo que, o homem tenta diversas vezes convencer o menino.

— Dou dez mil.
— Não senhor.
— Vinte mil.
— Vendo não.
O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.
— Trinta mil.
— Não tou vendendo, não, senhor.
O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:
— Ele não quer vender. Paciência.
A filha, baixinho, indiferente às possibilidades da transação:
— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

Esses fragmentos ajudam-nos verificar a diferença de *status* social entre as duas crianças (a suposta inocência do menino), e a fazer inferências sobre os diversos fatores que levam o garoto a não querer vender o passarinho, tais como: — O menino por ter aproximadamente uns dez anos e pertencer a uma família de classe baixa pode não ter ideia do que a quantia oferecida representa, ou; pode estar encantado pela garota desejando que ela se aproxime e tente fazer o “negócio”.

Salientamos que, para que ocorra a compreensão do texto, faz-se necessário que os leitores cooperem ao fazer a análise e busquem assimilar outros/novos sentidos a partir de dados explícitos e implícitos, e assim, emitirem julgamentos sobre a coerência (sentido macro) ou a incoerência (falta de organização em sentido macro) dos textos a eles destinados.

Os leitores podem concluir que nem todos os textos são em princípio aceitáveis, assim, haverá para eles textos incoerentes, e ao fazerem um julgamento sobre o sentido ou não sentido de um texto, o texto será classificado como coerente ou não.

Ao considerarmos a linguagem em termos de produção/recepção verificamos que seu sentido está na interação entre emissor/receptor, que em dado contexto de uso se manifesta pela ativação dos conhecimentos partilhados. O produtor verbaliza as unidades referenciais necessárias para os efeitos de sentido e o receptor ativa seus conhecimentos para captar a mensagem que o texto deseja transmitir.

As inferências constituem estratégias cognitivas por meio das quais o leitor, partindo da informação veiculada e levando em conta o contexto, constrói novas representações mentais e estabelece uma ponte entre a informação explícita e a não explicitada. (Koch, 2009, p. 47).

Em algumas partes do texto o autor apresenta determinados segmentos textuais ou palavras-chave que induzem o leitor a inferir um sentido mais amplo e a se questionar sobre os fatores que levam o garoto a não querer abrir mão do passarinho e a insistência da menina em ter tal “animalzinho”.

Será que a garota queria o pássaro, ou será que ela queria apenas mostrar ao menino que era superior?

Por que será que o garoto relutava em vender a ave?

O pai, ao perceber que tudo o que fizera foi inútil e que o garoto não iria vender o passarinho, começa a interrogar o pobre menino sobre as habilidades da ave,

O garoto meio sem graça responde às perguntas sem maldade e diz que o pássaro não cresce, não canta e que somente é bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho do sol.
— Deixa comigo.

Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola. O homem maneiro, estudando o adversário:

- Qual é o nome deste passarinho?
- Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.
- O homem quase impaciente:
- Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o que?
- Aaaaah. É bico-de-lacre.

O homem, cada vez mais irritado, muda de estratégia e começa a indagar o menino a respeito do lugar onde conseguiu capturar a ave.

O menino responde que pegou o bichinho no mato, ali mesmo nas redondezas.

Então, o homem o desafia, dizendo-lhe que era o novo dono da fazenda, de modo que, tudo o que há nela lhe pertence e conseqüentemente o pássaro também.

- Você pegou ele dentro da fazenda?
- É. Aí no mato.
- Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.
- O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.
- [...]
- O homem, meio mandão:
- Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?
- Não, não tou vendendo não.
- Cinqüenta mil! Toma! - e puxou a gaiola.
- [...]
- O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.
- Quero não senhor. Tou vendendo não.
- Não vende por quê, hein? Por quê?
- O menino acuado, tentando explicar:
- É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.
- O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.
- Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam`bora.

Ao longo do texto, percebemos que, o homem cada vez que insiste em comprar o passarinho, humilha o garoto procurando somente satisfazer a vontade da filha e mostrar assim a sua superioridade.

No que diz respeito às estratégias de construções do (s) sentido (s) no texto devemos observar atentamente o diálogo entre o homem e o garoto, pois ele nos possibilita a construção de inferências que auxiliam na elaboração de outros/novos sentidos para o texto.

As estratégias cognitivas consistem em estratégias de usos do conhecimento. E esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes, o que torna possível no momento da compreensão, reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou mesmos não desejados pelo produtor. (Koch, 2009, p.35).

O conhecimento de uma situação comunicativa mais ampla contribui para a focalização, que pode ser vista, como as opiniões ou os pontos de vista pelos quais as entidades evocadas no texto passam a ser encaradas, afetando assim, não só a mensagem que o autor quer transmitir, mas também aquilo que o leitor interpreta. Nos últimos versos, pudemos observar que o homem irritado, chama a filha para irem embora e diz que esse tipo de gente são uns ignorantes.

Para Koch (2009) são os conhecimentos adquiridos que nos levam a inferir informações que não estão explicitadas no texto. De forma que, o homem por ser um bom negociante ficou muito furioso por não conseguir convencer o “molequezinho” a vender a ave e ao dizer que, “essa gente é ignorante”, na verdade quer dizer que, o menino é “burro” e não somente ele, mas também todos aqueles que pertencem à classe social do garoto.

3.1 O “Negócio” de menino com menina

Até agora estivemos centrados no diálogo entre o homem e o menino, e nos argumentos utilizados pelo novo dono da fazenda a fim de adquirir o pássaro.

Observamos a partir de nossas análises algumas marcas linguísticas que possibilitaram (possibilitam) a percepção do que está explícito no texto e, também nos auxiliam a inferir outros/novos sentidos.

Por que será que a garota queria tanto aquele passarinho?

Por que o menino relutava em vender a pequena ave?

Consideramos, pois, que o pai é o “negociante”, mas as duas crianças são os verdadeiros “negociadores”. Tanto a menina quanto o menino queria o passarinho, só que o garoto não vendia o pequeno animal, e a menina, cada vez mais inconformada, fazia uma “carinha de piedade” a fim de conseguir a avezinha.

A insistência e a suposta tristeza da filha faz com que o pai busque comprar a ave por qualquer preço, mas também comove o garoto que deixa de lado sua timidez e aproxima-se menina.

Chegou pertinho da menina e falou baixo,
só pra ela ouvir:
— Amanhã eu dou ele pra você.
Ela sorriu e compreendeu.

Será que o menino estava apaixonado pela garota?

Será que a menina queria mesmo era o “passarinho”?

Ou o passarinho era apenas um pretexto para que ela se aproximasse do menino?

Ao analisarmos o conto, pudemos observar que esses são apenas alguns dos questionamentos que o leitor pode fazer ao procurar atribuir significados para o texto e que, o termo passarinho funciona como uma espécie de “gatilho” para a construção de outros/novos sentidos.

O leitor pode inferir, por exemplo, que, a palavra passarinho pode estar associada a “objeto sexual” masculino. Tal substituição não é a única, mas após estudarmos o conto, observamos que o que tornou/torna essa interpretação possível são as estratégias cognitivas de usos do conhecimento e da “bagagem” cultural adquirida pelos leitores.

4. Considerações finais

Buscamos neste breve artigo, sob os fundamentos da Linguística Textual, analisar as construções dos sentidos em “Negócio de menino com menina” de Ivan Ângelo.

Esclarecemos que, este trabalho é apenas uma tentativa de demonstrar como a Linguística do Texto pode ser trabalhada em sala de aula, e assim, contribuir para o enriquecimento das habilidades comunicativas do (s) estudante (s) usuário (s) da língua.

Por pretendermos auxiliar o professor de português no que se refere à possibilidade de incorporação da análise linguística na Educação Básica, e por termos o interesse de trabalhar o conto em sala de aula, optamos por não transcrever as análises por nós realizadas.

Assim, evitamos esgotar as possibilidades de interpretação do conto e influenciarmos nosso leitor na construção e elaboração de outros/novos sentidos.

5. Referências

ÂNGELO, I. “Negócio de menino com menina”. In: _____ **O ladrão de sonhos e outros contos**. São Paulo: Ática, 1995. pág. 10-11.

BENTES, A. C. Linguística textual. In. BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 7, pág. 245-282.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2006.

_____, KOCH, I. G. V. **Linguística textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 1983.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

_____, **Desvendando os segredos do texto**. 4. Ed. São Paulo, Cortez, 2005.

_____, TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1990.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística textual: O que é e como se faz**. Recife: UFPE _ 1983.

ZAGNOLE, V. P. **Análise do texto “Negócio de menino com menina”, de O ladrão de sonhos e outros contos, de Ivan Ângelo**. Estudos Semióticos. [online] Disponível na internet em <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Editor Peter Dietrich. Número 4, São Paulo, 2008. Acesso em 04/06/2011.

Anexo

ÂNGELO, I. “Negócio de menino com menina”. In: _____. **O ladrão de sonhos e outros contos**. São Paulo: Ática, 1995: pág.10-11.

Negócio de menino com menina

O menino, de uns dez anos, pés no chão, vinha andando pela estrada de terra da fazenda com a gaiola na mão. Sol forte de uma hora da tarde. A menina, de uns nove anos, ia de carro com o pai, novo dono da fazenda. Gente de São Paulo. Ela viu o passarinho na gaiola e pediu ao pai:

— Olha que lindo! Compra pra mim?

O homem parou o carro e chamou:

— Ô menino.

O menino voltou, chegou perto, carinha boa. Parou ao lado da janela da menina. O homem:

— Esse passarinho é para vender?

— Não senhor.

O pai olhou pra filha com uma cara de deixa pra lá. A filha pediu suave como se o pai tudo pudesse:

— Fala pra ele vender.

O pai, mais para atendê-la, apenas intermediário:

— Quanto você quer pelo passarinho?

— Não tou vendendo não senhor.

A menina ficou decepcionada e segredou:

— Ah, pai, compra.

Ela não considerava, ou não aprendera ainda, que negócio só se faz quando existe um vendedor e um comprador. No caso, faltava o vendedor. Mas o pai era um homem de negócios, águia da Bolsa, acostumado a encorajar os mais hesitantes ou a virar a cabeça dos mais recalcitrantes:

— Dou dez mil.

— Não senhor.

— Vinte mil.

—Vendo não.

O homem meteu a mão no bolso, tirou o dinheiro, mostrou três notas, irritado.

— Trinta mil.

— Não tou vendendo, não, senhor.

O homem resmungou “que menino chato” e falou pra filha:

— Ele não quer vender. Paciência.

A filha, baixinho, indiferente às possibilidades da transação:

— Mas eu queria. Olha que bonitinho.

O homem olhou a menina, a gaiola, a roupa encardida do menino, com um rasgo na manga, o rosto vermelho do sol.

— Deixa comigo.

Levantou-se, deu a volta, foi até lá. A menina procurava intimidade com o passarinho, dedinho nas gretas da gaiola. O homem maneiro, estudando o adversário:

— Qual é o nome deste passarinho?

— Ainda não botei nome nele, não. Peguei ele agora.

O homem quase impaciente:

— Não perguntei se ele é batizado não, menino. É pintassilgo, é sabiá, é o que?

— Aaaah. É bico-de-lacre.

A menina pela primeira vez, falou com o menino:

— Ele vai crescer?

O menino parou os olhos pretos nos azuis.

— Cresce nada. Ele é assim mesmo, pequenininho.

O homem:

— E canta?

— Canta nada. Só faz chiar assim.

— Passarinho besta, hein?

— É. Não presta pra nada, é só bonito.

— Você pegou ele dentro da fazenda?

— É. Aí no mato.

— Essa fazenda é minha. Tudo que tem nela é meu.

O menino segurou com mais força a alça da gaiola, ajudou com a outra mão nas grades. O homem achou que estava na hora e falou já botando a mão na gaiola, dinheiro na outra mão.

— Dou quarenta mil, pronto. Toma aqui.

— Não senhor, muito obrigado.

O homem, meio mandão:

— Vende isso logo, menino. Não tá vendo que é pra menina?

— Não, não tou vendendo não.

— Cinquenta mil! Toma! - e puxou a gaiola.

Com cinquenta mil se comprava um saco de feijão, ou dois pares de sapatos, ou uma bicicleta velha.

O menino resistiu, segurando a gaiola, voz trêmula.

— Quero não senhor. Tou vendendo não.

— Não vende por quê, hein? Por quê?

O menino acuado, tentando explicar:

— É que eu demorei a manhã todinha pra pegar ele e tou com fome e com sede, queria ter ele mais um pouquinho. Mostrar pra mamãe.

O homem voltou para o carro, nervoso. Bateu a porta, culpando a filha pelo aborrecimento.

— Viu no que dá mexer com essa gente? É tudo ignorante, filha. Vam`bora.

O menino chegou pertinho da menina e falou baixo, só pra ela ouvir:

— Amanhã eu dou ele pra você.

Ela sorriu e compreendeu.